



A VELHICE NA ESCRITA DE SIMONE DE BEAUVOIR E ECLÉA BOSI: DIÁLOGOS COM A EXCLUSÃO NO BRASILEIRO ENTRE 1980-1985

La vejez en la escritura de Simone de Beauvoir y Ecléa Bosi: diálogos con exclusión en brasileño entre 1980-1985)

Old age in the writing of Simone de Beauvoir and Ecléa Bosi: dialogues with exclusion in Brazilian between 1980-1985)

Andreza Jucelly Severina da Silva¹

Resumo: Busca-se realizar uma reflexão sobre a concepção de velho e da velhice nas obras clássicas de Simone De Beauvoir e Ecléa Bosi e a relação das autoras no debate do envelhecimento nos anos 80. Compreende-se a emergência dos sujeitos idosos no Brasil em épocas da primeira Assembleia Mundial do Envelhecimento (AME), como os casos de exclusão social na era da industrialização. Os diálogos das autoras sobre a relação da visão do idoso chocam-se com os paradigmas de construção do que é ser idoso no contexto da crescente urbanização das cidades e da forte divisão do trabalho ativo. Indo além de uma análise da (Previdência Social) e do envelhecimento biológico nos debates de 1980 - 1985.

Palavras chaves: Velhice. Envelhecimento. Exclusão social dos idosos.

Resumen: Se busca realizar una reflexión sobre la concepción de la vejez y la vejez en las obras clásicas de Simone De Beauvoir y Ecléa Bosi y la relación de los autores en el debate sobre el envejecimiento en la década de los 80. primera Asamblea Mundial sobre el Envejecimiento (AME), como casos de exclusión social en la era de la industrialización. Los diálogos de los autores sobre la relación entre la visión del anciano chocan con los paradigmas de construcción de lo que es ser anciano en el contexto de la creciente urbanización de las ciudades y la fuerte división del trabajo activo. Ir más allá de un análisis de (Seguridad Social) y envejecimiento biológico en los debates de 1980 - 1985.

Contraseñas: Vejez. Envejecimiento. Exclusión Social de las Personas Mayores.

Abstract: A reflection is sought on the conception of old age and old age in the classic works of Simone De Beauvoir and Ecléa Bosi and the relationship of the authors in the debate on aging in the 80's. The first World Assembly on Aging (WEA), as cases of social exclusion in the era of industrialization. The authors' dialogues on the relationship between the vision of the elderly collide with the paradigms of constructing what it is to be elderly in the context of

¹ Bacharelado em História na UFPE, e aluna do curso de Licenciatura em História na UFRPE- UAEADTEC. E-mail: andrezajucelly1220@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9960405414413419>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5737-2732>.

the increasing urbanization of cities and the strong division of active labor. Going beyond an analysis of (Social Security) and biological aging in the debates of 1980 - 1985.

Keywords: Old Age. Aging. Social Exclusion of the Elderly.

Introdução

Buscou-se conectar as falas de Ecléa Bosi e Simone de Beauvoir acerca do tema da velhice e do problema da exclusão do idoso em épocas de avanço do capitalismo e do trabalho assalariado. De forma inicial, foi objetivado estudar a exclusão do idoso entre 1980 e 1985, período em que ocorreu o primeiro debate internacional sobre a velhice em Viena, Áustria. Além disso, é vivenciado no Brasil o processo de redemocratização política, as reivindicações pelas Diretas Já e a contribuição escrita de muitos médicos geriátricos sobre a situação dos idosos nas áreas urbanas brasileiras.

Foi realizada uma investigação sobre os motivos que levaram os historiadores a não se debruçarem sobre a questão da velhice e do envelhecimento nos anos 80. Esse questionamento seguiu como problemática central da pesquisa, pois não foram percebidos muitos trabalhos acadêmicos em ciências humanas sobre essa temática. Acredita-se que o contexto histórico de 1980 até 1985, esteve rodeado pelo debate político em um momento de saída de uma ditadura brasileira, como também esteve direcionado para as discussões da crise do Fundo Monetário Internacional (FMI). Provavelmente, por causa dessa situação, os historiadores pretenderam escrever mais sobre a questão política e econômica do Brasil. Essa falta de conteúdo escrito me levou a pesquisar sobre a velhice entre 1980-1985. Infelizmente, foi encontrada poucas obras e autores que trabalham com a questão do ancião. Para complementar a pesquisa, foi necessário buscar em fontes do jornal Diário de Pernambuco e no Diário da Manhã, por obter maiores resultados na pesquisa.

As ideias da Legião Brasileira de Assistência (LBA) não surgiram do nada, muito menos o papel da geriatria no ano de 1982 estava navegando em tratados científicos vagos. Os questionamentos sobre a situação do velho no mundo capitalista retomam os debates apresentados por Ecléa Bosi e Simone De Beauvoir. O escândalo do abandono e da situação dos velhos nas casas de recuperação e Santa Casa da Misericórdia enumera que a exclusão não foi algo inventado pela indústria, e sim um fator atribuído por cada sociedade ao longo do tempo.

As autoras afirmam que a velhice é uma questão social. E quando o idoso deixa de ter importância no trabalho na fábrica, passa a ser considerado um peso no processo de produção das mercadorias. Assim, esses indivíduos ficam à mercê da ajuda do assistencialismo de terceiros. A partir daí, é destacado os mitos da velhice dentro da leitura das obras de Simone de Beauvoir e Ecléa Bosi. Primeiro, encontra-se o entendimento de que a velhice não é apenas uma questão familiar. Muitos dos relatos das autoras apontam para a questão da exclusividade familiar no cuidado com seus parentes, deixando de lado o papel do Estado no trato com esses indivíduos. Sabe-se que, depois que o trabalhador atinge sua contribuição na empresa capitalista, acaba perdendo sua agilidade física, necessitando muitas vezes, de cuidados após a aposentadoria. No entanto, esse processo encontra a própria dificuldade da aposentadoria. Se aposentar significa se afastar do trabalho ativo, depender de um dinheiro ou mesada, porém nem todas as pessoas conseguem esse benefício. O segundo mito da velhice está na própria imaginação social sobre ela. Relatos como o da dona Alice apontam para a possibilidade de reconstrução do passado a partir da narrativa de alguém experiente. No entanto, a visão dos jovens para o idoso significa:

- 1- Superação ou tomada de poder.
- 2- A tentativa de distanciar os anciões, retirando-lhe a capacidade de narrativa.
- 3- Atribuir a eles apenas o papel de incapacidade física ou de proximidade com a morte.

Muitos dos relatos trazidos sobre a LBA e da AME em 1982, apontam para as hipóteses de exclusão do velho levantadas já pelas autoras. Isso porque, é deduzido que a velhice é uma invenção social, sendo diferenciada a partir dos contextos Históricos. No caso dos anos 80, o idoso estava compreendido pela força de trabalho e sua contribuição na Previdência Social. Politicamente, serão os órgãos do Estado que terão a função de organizar as políticas públicas para o cidadão. Nas palavras de Ecléa Bosi, “o idoso perde seu poder de fala quando o jovem não precisa mais de seus conselhos. Assim, na era industrial, o idoso perde a sua função social” (BOSI, 2004)

Problemas da pesquisa:

A priori, as dificuldades iniciais para encontrar fontes retardaram essa investigação. Apenas foi encontrada parte do primeiro volume do livro “A velhice” na internet. O recorte presente nas páginas fragmentárias dava uma direção, mas não contavam os motivos que

levou Simone De Beauvoir a escrever tão célebre linhas que rechaçam o descaso da sociedade com os idosos nos asilos. Foi por volta dos anos 70, que esse livro foi apresentado ao mundo acadêmico, sendo rigoroso nas críticas para o mundo capitalista e a exclusão do idoso da vida ativa.

Sabendo da escassez de fontes na área de ciências humanas, especialmente em História, foi traçada uma busca de dados bibliográficos em outras disciplinas, tais em destaques constam: Ciências Biológicas, gerontologia e medicina, serviço social e psicologia. Aos poucos foi aparecendo novos caminhos investigativos, fundando na construção de uma escrita que considera a importância do avanço dessas disciplinas para o debate da velhice e envelhecimento.

O questionamento da pesquisa está em uma pergunta central: A escassez de fonte e o problema do acesso ao documento da primeira Assembleia de 1982 da velhice em Viena, enumera o descaso que o Brasil tivera em formular uma política de aposentadoria adequada, em épocas de atuação de Jarbas Passarinho? Por que os historiadores têm desconfiança do estudo da memória? Será que a resposta dessa questão pode justificar a falta de participação desses intelectuais no debate sobre a 3ª idade nos anos 80? Não se deve esquecer o contexto da época em que as críticas feitas à Previdência Social brasileira se inserem, pois em 1980 estávamos no processo de reabertura política, após passar por uma ditadura civil militar. Então, para os historiadores, era de suma importância se ter o regresso das discussões sobre a temática política, sem se esquecer da retomada da disciplina de História nas matrizes curriculares escolares. Além disso, houve no meio acadêmico, o debate sobre a economia do país, mediante o crescimento da dívida externa com os EUA, ou também conhecido pela sigla FMI (Fundo Monetário Internacional) que foi sendo negociada em 1984, no governo do presidente eleito Tancredo Neves. Depois, veio à tona a volta da participação dos sindicatos e da junta dos trabalhadores em frente à crítica ao Ministro da Previdência Social, Jarbas Passarinho. E é nesse amontoado de problemas sociais que os historiadores se debruçaram no debate cultural, na retomada da crítica aos movimentos ditatoriais e a crise econômica, deixando para os geriatras brasileiros a oportunidade de levantarem estudos sobre a questão do idoso nos anos 80.

Com os escritos de Simone De Beauvoir e Ecléa Bosi pode-se perceber a situação social da exclusão do idoso na era capitalista. As leituras principais desta pesquisa se encontram na análise das obras “Memória e Sociedade” de autoria de Ecléa Bosi (2004), e do

livro “A velhice” de Simone De Beauvoir (1976), e nos trabalhos acadêmicos que aprofundam o debate sobre a temática.

Nos dados etnográficos utilizados por De Beauvoir(1976), se tem brevemente o apego do abandono do velho pelo novo, até a chegada do momento que um ser adulto desferiu um golpe em seus parentes. Claro, o medo de vagar no mundo dos mortos como moribundo era temido, principalmente porque havia a associação do velho com a doença. E esse repúdio ficou tão agudo que o próprio ancião optava pelo suicídio ou no seu próprio banimento social (DE BEAUVOIR. 1976). Desta forma, nota-se que a exclusão do outro não é uma prática atual, mas é dever do pesquisador observar como cada sociedade organizou suas famílias, evitando erros de interpretações do ontem com o hoje. De certo modo, esse apego pela barbarização da vida após os 60 anos se tornou mais complexa na contemporaneidade, principalmente devido à forte queda da taxa de mortalidade e o crescimento populacional nas cidades. Depois, os próprios centros urbanos se viram rodeados pela mendicância e pela lotação dos asilos em todas as regiões. Mais tarde, o próprio descaso dessas pessoas nos asilos levou ao questionamento de muitos intelectuais sobre o porquê de se ter tanta gente abandonada por seus familiares.

Outro aspecto a ser salientado é a fundação da Escola Geriátrica e da gerontologia junto aos movimentos reivindicatórios da LBA nos anos 80. Partes dos intelectuais recusaram o apego a uma política que não atendia as demandas dos trabalhadores, que nunca poderiam escapar da velhice. A aposentadoria estava em reforma, mas o povo vivia na sombra do medo de depender da Santa Casa da Misericórdia e da caridade. Por outro lado, foi a partir da ação da LBA e dos Centros Sociais Urbanos (CSUs) que se deu um passo para estabelecer uma possível mudança nas estruturas de opressão social, uma vez que havia a chance de ter uma cartilha internacional sobre o envelhecimento em 1982 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1982). Para se tornar efetiva essa cartilha, os grupos geriátricos e pesquisadores beberam da fonte do livro de Simone De Beauvoir e passaram a expor o que a sociedade fazia com os seus semelhantes dentro de cada asilo. A partir daí buscou-se pela desconstrução do conceito de velhice no mundo, embora fosse só apenas com a segunda AME que o Brasil se moveu para criar um estatuto do idoso. Esse atraso apenas revela o quanto foi árdua a luta para se ter direitos e inclusão social das pessoas de idade mais avançada. Vale esclarecer ao leitor que esse artigo apenas abordará a influência de Simone De Beauvoir e Ecléa Bosi no decorrer dos anos 80, pois é nessa época que acontece a 1 AME, e o avanço das ações sociais das LBA.

A velhice por Simone De Beauvoir e Ecléa Bosi.

O livro “A velhice” de Simone de Beauvoir é composto por dois volumes intitulados: *A velhice-realidade incômoda*, e *A velhice- as relações com o mundo*. A primeira parte do livro trata da visão sob o ponto de vista da exterioridade, tópico que expõe o nascimento do estudo da velhice e do avanço da geriatria pelo mundo. Além disso, o capítulo I fala da velhice biológica, o capítulo II dos dados etnográficos sobre a velhice e a IV parte fala da velhice na sociedade de hoje. Tanto os dados etnográficos quanto as representações do envelhecimento em sociedades capitalistas enumeram a discrepância do pensamento do que é ser um ancião e como cada etnia trata seus parentes. O problema apresentado por Simone De Beauvoir na primeira parte do livro indica a possibilidade da superação do escândalo da exclusão do idoso, que revelava as referências da ideologia higienista no trato com o outrem no Ocidente no século XIX. Sem esquecer-se da menção a uma prática da afirmação da senilidade e da hostilidade para todos os indivíduos de cabelos brancos, eclipsando a luta de classe entre jovens e pessoas de idades avançadas. Por outro lado, foi só com o avanço da biologia, da medicina na Modernidade que o envelhecimento passou a ser entendido como fator natural da vida humana (BEAUVOIR, 1970).

Ecléa Bosi, no início do seu livro “Memória e sociedade: lembranças de velhos” divide a obra em 4 partes. A primeira e segunda parte constroem uma leitura teórica sobre a memória e a velhice, da socialização à construção do passado. Nessa parte, a autora conta que “o idoso é visto como ultrapassado, um ser inativo em uma sociedade capitalista que valoriza o mecanismo do trabalho manual” (BOSI, 2004, p. 80). Existe então, a falta de reciprocidade e uma relação de banimento social, mas essa falta de empatia se choca com as palavras de Simone, no questionamento sobre o lugar social do idoso. Ecléa, por sua vez, responde que o idoso é um receptáculo de experiências de um povo, todavia com o passar do tempo, as pessoas banem seus parentes. Galeno (Autor grego, destacado por Simone De Beauvoir no debate sobre o envelhecimento) considerava a velhice como algo intermediário entre a doença e a saúde, onde as funções fisiológicas estavam determinadas pela teoria dos Humores. E devido a isso, o Ocidente copiou os textos de Galeno, considerando o apego à higiene e a senescência (BEAUVOIR,1990, p. 121). Na África, por exemplo, os Griots eram idosos respeitados, capazes de controlar as forças da natureza e fazer chover. Na cidade grega Esparta, o grupo de anciões representava as cadeiras dos mestres da guerra. Toda decisão de

guerra deveria passar pelos conselhos deles e dos Deuses do Oráculo (BEAUVOIR, 1979, p. 121).

Como está a descrição da velhice na obra das autoras?

O idoso não foi uma invenção atual, as sociedades antigas descritas nos relatos de Simone de Beauvoir apontam para as formas de representação social desse grupo. O velho tem um papel de poderio político, podendo ser alguém com força e riqueza ou ser alguém que vai ser banido devido seu status social. Assim, os jovens tinham medo do poder místico de seus pais, evitando confrontá-los ou desobedecê-los. Segundo Simone de Beauvoir (1970) a figura dos homens de cabeça branca se relacionava ao status e a forte desigualdade social dentro da comunidade. Quem envelhecia com riquezas adquiria respeito, enquanto os chamados decrépitos se associavam a doença e pobreza. A epopeia dos mortos, documento etnográfico de uma nação chamada Ossetos, faz parte de muitos relatos surpreendentes do culto à morte dos idosos. Para uma comunidade baseada no trabalho coletivo, ter alguém que não produz, significa ter atraso e a chance de ser facilmente invadido por outros povos nômades. A divisão familiar dos Ossetos era dividida em 3 membros, e para retirar o peso da responsabilidade dos seus velhos, realizavam um imenso banquete, chamada de “Assembleia do assassinato dos velhos” e lá espancavam ou os envenenavam. Em outro relato, a situação do ancião era diferente. Os mongóis respeitavam e sentiam um pavor dos xamãs das tribos. Nessa comunidade, o ancião possuía terras, poder militar e político, além de ser o mestre da memória e da lembrança familiar. As idosas, sempre hábeis nos cuidados dos netos, eram muito veneradas pelos jovens. (BEAUVOIR, 1970).

Em outro momento, Simone de Beauvoir traz o relato de um príncipe. O príncipe Sidarta vivia no castelo, rodeado de privilégios, da ociosidade que a riqueza proporciona. Um dia, como qualquer outro, ele decidiu passear de carruagem pela cidade. A desobediência do príncipe representa a falta de experiência de vida que ele possuía, e uma ignorância por ter rejeitado conselhos de seu patriarca. Ele não ouvira seu pai, muito menos deu importância para as reclamações de alguém que possuía uma maior experiência de vida. Foi no momento que o cocheiro parou a carruagem em frente a um espectro adoentado. Que horror! Disse o príncipe, acusando o velho de decrépito e bêbado. Esse desconhecimento é a face da negligência que o jovem expressa para a velhice, negando-a ou desejando nunca alcançá-la (BEAUVOIR, Simone, 1970, p. 7). Desta forma, nota-se que a exclusão do outro não é uma

prática atual, mas é dever do pesquisador observar como cada sociedade organizou suas famílias, evitando erros de interpretações do ontem com o hoje. De certo modo, esse apego pela barbarização da vida após os 60 anos, se tornou mais complexa na contemporaneidade, principalmente devido à forte queda da taxa de mortalidade e o crescimento populacional nas cidades. Depois, os próprios centros urbanos se viram rodeados pela mendicância e pela lotação dos asilos em todas as regiões. Mais tarde, o próprio descaso desse idosos nos asilos, levou ao questionamento de muitos intelectuais sobre o porquê de se ter tanta gente abandonada por seus familiares. A própria Simone De Beauvoir ficou horrorizada com o trato dos anciões nos asilos da França, constatando que mesmo havendo aposentadoria, o dinheiro mal dava para o indivíduo ter uma vida digna e pacata. E o escândalo foi tão grande que a autora afirma haver ali, naqueles asilos, estratégias para silenciar os anciões (BEAUVOIR, 1970).

O livro “Memória e sociedade: Lembranças de Velhos” tem um olhar de apelo ao idoso, além da exclusão, A autora tenta romper com os paradigmas do envelhecimento na sociedade Moderna, acentuando uma linha mais crítica para o banimento social e o distanciamento dos jovens para os idosos. A fonte etnográfica trazida por Simone de Beauvoir navega pela curiosidade, pela necessidade de pôr em ação as experiências dos antepassados de uma família. O não lembrar é considerado uma doença, a “demência” e a fragilidade. Quando o ancião detém a fonte da experiência, os jovens ficam ao seu redor, buscando aplacar com a curiosidade, tornando futuros representantes de seu povo. No entanto, quando o idoso tem sua finalidade esgotada, acaba se tornando presa fácil, pois é o momento em que o jovem toma seu lugar no ciclo governamental (BOSI, 2004, p. 81).

Ecléa também traz um relato etnográfico sobre a morte da narrativa e o banimento social do velho em sociedades antigas. Na visão da Bosi (2004) esses indivíduos tinham uma função social ligada à lembrança e à memória da família. O rei egípcio Psamênito foi humilhado pelas tropas inimigas, e teve seus alimentos tomado pelo exército Persa. Ele viu sua família desfilar em um cortejo fúnebre, igual a formigas em direção ao esmagamento. No entanto, o rei, em um momento específico, se desesperou com uma cena e chorou. Ele tinha visto um servo ancião na ida para a morte, e por um instante, pensou que a história do seu povo seria apagada do universo. O idoso nesse relato era representado como o mestre da memória, da magia, o sacerdote da vida terrena e da morte. Todavia, nas sociedades Modernas ocorre o chamado banimento social, seja na esfera do trabalho ou no campo familiar. A autora

afirma que a “função do velho é lembrar e aconselhar, mas a sociedade Capitalista impede o ato de lembrar, tornando as pessoas de 60 anos como mera mão de obra desvalorizada “(BOSI, 2004, p. 86).

Por que trazer, de forma descritiva, os relatos das autoras? Por que não houve êxito no encontro de outras fontes? Qual a relação da narrativa com o contexto de exclusão do idoso nos anos de 1980- 1985? Compreende-se que o envelhecimento e o conceito de idoso não foi algo inventado nos dias de hoje. Cada comunidade de história entendia o ato de envelhecer dentro de sua função com o trabalho e a família. Ser velho representa ser descrito ou possuir poderes e privilégios. A desobediência já era encarada como fator ruim, sendo punida com castigos severos. Em Bosi (2004) o relato do príncipe Sidarta Buda estava mais próximo da chamada crise da narrativa. Destacando que a autora utiliza o exemplo da obra *o narrador* de Walter Benjamin para falar um pouco do afastamento social do homem para a chamada coletividade. Isso porque a industrialização trará a barbarização ou a crise da consciência de grupo, tornando a alienação e o individualismo a peça chave na sociedade industrial. Assim, a função social do idoso é a narrativa, a coletividade, a proximidade com a memória da família.

O termo exclusão espontânea pode ser obtido a partir da leitura de ambas as autoras, uma vez que é referenciado o ato de fragmentação da participação do ancião nas decisões da família, das ações políticas e do trabalho. Muitos anciões perceberam que a comunidade jovem o verá como peso, uma boca a mais para alimentar. Além disso, eles deixam de participar das decisões de gestão do lar, pois seus filhos acabam tomando conta de tudo, inclusive da aposentadoria. Devido a essa situação, alguns anciões saem de casa, acabam pedindo auxílio nos chamados Centros Sociais Urbanos (CSUs) e no Serviço Social Agamenon Magalhães (SSAM). Em alguns relatos do Jornal Diário de Pernambuco do ano de 1982, destacam para inúmeras campanhas, visando dar mais atenção ao idoso, que muitas vezes ficavam abandonados nas casas médicas. O abandono não é algo de hoje, como é notado nos relatos acima, mas ele se torna mais volumoso com o crescimento da cidade e o advento de profissões ligadas ao manuseio de tecnologias.

Tanto Ecléa Bosi como Simone de Beauvoir trazem dados sobre o impacto do capitalismo nas sociedades modernas. Por um lado, fica o questionamento acerca das primeiras campanhas de incentivo ao auxílio do trabalhador. Percebe-se que para os homens nascidos e detentores de poder podem ter uma aposentadoria feliz. Já o trabalhador que depende do auxílio da chamada previdência, acaba dependendo de ajuda de instituições

filantrópicas, como é o caso da Santa Casa da Misericórdia. No Brasil, o debate sobre o envelhecimento ganhou bastante fôlego em 1982, época em que o Presidente Figueiredo e o Ministro Jarbas Passarinho enfrentavam o problema da reforma da previdência (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1982).

Ao analisarmos a obra de Bosi (2004) é notada a questão da velhice nas sociedades capitalistas, especificando o chamado cone da memória. Para ela, o ato de lembrar sempre está mais próximo do hábito e da recepção harmoniosa entre os sujeitos da narrativa. Entretanto, com o capitalismo, as pessoas deixam de se interessar pela experiência vinda através do hábito do contato com seus parentes mais velhos. Já a indústria capitalista vai preferir contratar alguém apto para aguentar uma jornada mais exaustiva de trabalho forçado, deixando de lado os trabalhadores anciões mais experientes. Assim, a ideia de vida ativa se liga ao jovem, enquanto o papel de exclusão associa-se ao idoso.

O jovem por se distanciar de seus avós, para de ouvi-los, rejeitam seus conselhos, e muitas vezes os maltratam. E com aposentadoria muito burocrática, eles acabam perdendo o auxílio e ficam dependentes da ajuda de seus médicos ou de pessoas vindas das ruas. Esse cenário foi bastante comum no Brasil entre 1980 e 1985.

A escola geriátrica

Para os Gregos a origem do mundo estava na água, no fogo, no cosmo. E esses elementos faziam parte do corpo, que com o tempo perdiam o vigor. Para Hipócrates, a velhice representava as 4 estações do ano, sendo mais perceptível na idade de 56 anos (BEAUVOIR, 1990). Além disso, ele acreditava que o velho precisava de menos comida, associando a esses indivíduos o status de doença e vulnerabilidade.

A autora considera que o asilo da França Salpêtrière tenha sido a primeira instituição geriátrica, onde realizou um vasto estudo sobre a velhice. Ao mesmo tempo, o crescimento do índice populacional de pessoas idosas na França estimulou a pesquisa ou tratados sobre o processo de envelhecimento. Charcot, por exemplo, estudou a frequência de pulsos e o ritmo da respiração do corpo de anciãos. Depois Geist publicou uma síntese de tratados geriátricos (BEAUVOIR, 2018).

Em 1903, Metchnikof criou a ciência denominada de gerontologia. Destaca-se que a palavra gerontologia vem do grego Géron e logia (Estudo do ancião), que se tornou ciência

imprescindível em épocas de transformação social e o apego a negação da atuação da visão da decadência e da degeneração do envelhecimento para o idoso (MATHEUS. 2013).

Em 1909 Ignatz Nascher ao visitar um asilo como estudante ouviu uma velha se queixar que os médicos a tratavam como pediatra. Depois dessa inusitada visita, Nascher fundou a geriatria, estimulando pesquisas biológicas sobre o envelhecimento ao ponto de fundar a Sociedade Geriátrica de Biologia sobre o Envelhecimento.

De 1950 para 1990, cresceu exponencialmente as pesquisas sobre a longevidade, sobre as necessidades sociais associadas ao envelhecimento. Nascher é considerado o pai da geriatria, em especial, devido sua influência com o alargamento dos estudos sobre os aspectos biológicos do envelhecimento, o que ocasionou no surgimento da gerontologia. Frisando-se que, foi a partir dele que ocorreu a quebra com o paradigma relacionado ao dogma da senescência por falta de higiene.

Tem-se o atraso das pesquisas geriátricas a partir da:

- 1- A lentidão acerca do estudo sobre o envelhecimento e a velhice
- 2- A política envolvida em uma urbanização desenfreada, junto com as prerrogativas de uma assistência para a infância.
- 3- Precariedade social. Uma sociedade organiza os indivíduos de acordo com a economia, religiosidade e política. Apenas com o rompimento da medicina rústica higienista que se pode haver sucesso nas investigações geriátricas.

No Brasil, a criação da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) em 1961 tinha o objetivo de estimular obras de amparo ao idoso, como os Centros Sociais Urbanos.

Em 1974, o governo interviu com ações diretas sobre o Instituto Nacional de Previdência Social, o que em 1984 passaria por mudanças internas, promovidas pelo Ministro Jarbas Passarinho (Diário de Pernambuco, 1980). A reforma falava de aposentadoria por tempo de serviço, da carência por aprofundamento da política assistencialista. Quem não conseguia se aposentar, acabava sendo jogado na Santa Casa da Misericórdia. Nessa época, a portaria teve que ser revogada, visando à integração social do idoso. Membros da LBA batiam de frente com o governo, lutavam por mudanças internas. Em primeiro lugar, para retirar o resquício de uma política de assistência rasa, propagada pelas leis da época da ditadura. Buscava-se por direitos à saúde, educação, assistência de qualidade, e mais atendimentos hospitalares.

A Associação Cearense Pró-idoso (ACEPI) é considerada umas das primeiras instituições de cunho reivindicatório. Ela operava em conjunto com o Governo Federal. Já a Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (COBAP) esteve presente dentro do quadro de reivindicações. Em todo caso, a geriatria no Brasil esteve muito próxima do contexto de mudanças sociais dos anos 80.

Outro aspecto a ser salientado é a fundação da Escola Geriátrica e da Gerontologia junto aos movimentos reivindicatórios da LBA nos anos 80. Partes dos intelectuais, recusaram o apego a uma política que não atendia as demandas dos trabalhadores, que nunca poderiam escapar da velhice. A aposentadoria estava sob-reforma, mas o povo vivia na sombra do medo de depender da Santa Casa da Misericórdia e da caridade. Por outro lado, foi a partir da ação da LBA e dos CSUs que se deu um passo para estabelecer uma possível mudança nas estruturas de opressão social, uma vez que havia a chance, em 1982 de se criar uma cartilha internacional sobre o envelhecimento. Para essa cartilha se tornar efetiva, os grupos geriátricos e pesquisadores beberam da fonte do livro “A velhice” de Simone De Beauvoir(1970) e passaram a expor o que a sociedade fazia com os seus semelhantes dentro de cada asilo. A partir daí, buscou-se pela desconstrução do conceito de velhice no mundo, embora fosse só apenas com a segunda AME que o Brasil se moveu para criar um estatuto do idoso. Esse atraso, apenas revela o quanto foi árdua a luta para se ter direitos e inclusão social das pessoas de idade mais avançada.

A LBA foi fundada em 1942, época do Governo Vargas. Muitas mulheres faziam parte dessa instituição sem fins lucrativos, inclusive a primeira dama era a diretora do órgão. O objetivo estava na caridade e na ajuda das pessoas desprotegidas do Estado, como crianças abandonadas e idosos largados na rua. Depois, a secretária Léa Leal passou a ser presidente da LBA nos anos 80, quando a mesma tivera completando 62 anos de idade. Ela era forte em suas palavras, sempre encabeçada em algum congresso ou envolta das negociações junto com o grupo Geriátrico em Brasília. Léa não vivia apenas para escrever sobre o desabo da exclusão do idoso em uma sociedade que discriminava qualquer sinal de fragilidade. Assim como Ecléa, a presidente da LBA visava conscientizar e criar espaços de socialização para os idosos. Temas como o envelhecimento biológico e saúde cresceram nos congressos nacionais. Não bastava conscientizar, e sim pensar o que fazer com aquele amontoado de velhinhos que vivem, volta e meia, soltos na rua. O que antes era visto como forma de afastamento social, nos anos 80 era motivo de revolta e descontentamento. Logo mais, se poderá aprofundar o

debate do idoso entre 1980 e 1985, utilizando as informações obtidas no Diário de Pernambuco. A partir desses dados, será compreendida a visão do idoso no Brasil e como a Legião Brasileira de Assistência desempenhou seu papel.

O problema idoso

No ápice do capitalismo, toda a indústria brasileira se apoiava na mão de obra jovem, porém, o ancião perdia seu valor e sua figura era associada à decadência ou doença. Em alguns países, o termo velho é negado, pois o ideal para as massas populares estava no status de beleza e no esplendor da juventude. No Brasil, muitos negavam suas idades, pintavam os cabelos brancos e jogavam fora as bengalas de madeira. Isso porque o termo velhice também esteve associado à discriminação, a falta de respeito e a doença. Alguns recortes do Diário de Pernambuco mostram a crítica dos médicos (Gerontologia) sobre a necessidade de uma portaria que atendesse ao idoso, uma vez que faltava espaço clínico para eles. Depois, cobrava-se ajuda financeira e uma aposentadoria justa aos trabalhadores, porque pairava sobre eles o medo de terminarem a vida dependendo da boa vontade da Santa Casa da Misericórdia. O descaso era tanto, que inclusive, os familiares podiam abandonar seus idosos, jogando eles em casa de cuidados especiais ou simplesmente abandonando nas ruas como indigentes.

O mercado de trabalho já era muito competitivo nos anos 80, e o idoso ficava afastado das atividades cotidianas. De maneira geral, o ancião esteve associado à invalidez, um ser de status menor que necessitava de um tutor para guiá-los. Eles eram igualados a uma criança que não tinha forças para lutar contra o discurso opressor, na medida em que, era legitimada apenas a figura do homem robusto e forte. Simone De Beauvoir (1970) destaca que, em sua época, o termo velhice era encarado de forma discriminatória. Na França o assunto era proibido, pois apenas havia pessoas menos jovens que as outras. Assim, a velhice era negada pelos 4 cantos do mundo. Existe assim, uma visão (representação) das imagens de outro para o ancião (alteridade- visão do outro para o velho). E é essa visão que determina quem é velho ou não.

Ressaltando-se ainda que, tem a negação da imagem da velhice para o próprio idoso. Como se observou no relato anterior, é a indústria cultural que distanciava os idosos da vida cotidiana do trabalho. A mídia vai eternizar a beleza e o belo, tornando feio o corpo “frágil”. Os anos 80 carrega um cenário de debate acerca da aposentadoria e do trabalho. E mesmo com um estatuto do trabalhador e uma Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), ocorriam

muitos problemas, como por exemplo: abono de natal, férias e auxílio doença. Muitos trabalhadores queriam ser assistidos depois que a idade chegasse. Então, se tinha o problema do preconceito à figura do idoso, e o descaso com o trabalhador, que apesar de tudo, vivia sob a face da inflação.

O ano internacional do idoso em 1992 e os desdobramentos da campanha geriátrica em Pernambuco.

A Organização das Nações Unidas (ONU) em 14 de dezembro de 1978, através da resolução 33/52, convocou a AME. Após essa data, muitos países passaram a pensar sobre o índice de crescimento populacional e a queda da taxa de mortalidade, deixando a política de assistência social em crise. Em cada país, de maneira geral, tinha seus idosos dispensados nos centros urbanos. Muitos deles acabavam ficando à mercê de cuidados especializados nos asilos. No ano de 1982, ocorreu em Viena na Áustria, a Assembleia Mundial do Envelhecimento (AME), o qual foi coordenado pela ONU. Depois desta data, se esperava que as nações do mundo inteiro se unissem para resolver uniformemente o problema do envelhecimento. No entanto, essa visão simplista, não notará as particularidades do idoso nos asilos ou nas ruas de Recife, pois generaliza o problema do idoso. Para Lopes (2000) “A sociedade brasileira de geriatria e gerontologia” via o tratado internacional produzido em Viena no ano de 1982 como um marco importante no estudo do envelhecimento, mas a situação do idoso é diferente nos quatro cantos do mundo e não pode ser integrada como um fator universal.

A partir da AME que foi concebido um plano internacional sobre o envelhecimento, objetivando as seguintes metas:

Fortalecer a capacidade dos países para abordar de maneira efetiva o envelhecimento de sua população e atender as preocupações e necessidades especiais das pessoas de mais idade, e fomentar uma resposta internacional adequada aos problemas do envelhecimento com medidas para o estabelecimento da nova ordem econômica internacional e o aumento das atividades internacionais de cooperação étnica, em particular entre os próprios países em desenvolvimento (ONU, 1982, P. 1).

No Brasil, a Previdência Social nos anos 80 é compreendida como fator simbólico da situação de muitos trabalhadores que, depois da velhice precisaram da assistência da Santa Casa da Misericórdia, pois a aposentadoria não era formada para estabelecer uma vida digna aos aposentados. Poder-se-á afirmar que em cada Estado brasileiro era estabelecido algum

tipo de sistema social de assistência aos idosos, como é o caso do Serviço Social Agamenon Magalhães (SSAM), em Pernambuco.

Marco Maciel, governador de Pernambuco, divulgou no dia 13 de Janeiro de 1982 a campanha Serviço Social Agamenon Magalhães de ajuda aos idosos asilados nos centros urbanos. O programa SSAM dialogava com os idosos localizados nos centros urbanos da região Metropolitana do Recife. Dentro das chamadas CSUs era vivenciado o cotidiano dos velhinhos, os jogos de xadrez e inúmeras produções artísticas. Os velhinhos que estavam nas CSUs eram de alguma maneira assistidos, mas ao mesmo tempo, não se pode negar que ainda havia muitas pessoas em situação de carência e desumanidade.

Nos anos 80, críticas foram feitas a respeito da integração do velho e o tratamento que muitas famílias tinham com os seus membros. Na Itália, como por exemplo, foi divulgada a longa metragem “Uma emoção a mais”, que narrava a história de um senhor de 60 anos. Nesse filme, o velho sofre exploração econômica de seus filhos, acarretando no final em uma internação do ancião a uma clínica assistencialista. Por fim, a história relatada em “uma emoção a mais” trouxe um debate social atual em 1980, porque estava rodando nos cinemas sob a iminência da Assembleia do envelhecimento em 1982. Antes do congresso internacional sobre o envelhecimento em Viena, a situação do idoso pelo mundo não era encarada como se deve pelas instituições públicas. Se houve um avanço nos estudos de assistência à 3ª idade, foi devido ao forte empenho do trabalho da geriatria que esteve presente também nos seminários sobre o idoso.

Léa Leal esteve presente no auditório de Itamarati, no Encontro Brasileiro de Geriatria para falar da difícil situação do velho nos asilos. Além disso, ela destaca que o papel da LBA visa propagar a conscientização e a inclusão dos velhinhos na sociedade, todavia é importante que haja uma maior formação de estagiários e enfermeiros aptos para fazerem parte dos estudos geriátricos. Por isso, que em todo o momento, a LBA esteve fazendo parcerias com instituições privadas e públicas, em asilos e casas de repouso no Brasil, o que estimulava a participação dos médicos no processo de movimentação através das mídias para propagar o movimento “o idoso precisa de teto, lar e amor” (Diário de Pernambuco, 1982). Era muito comum, as reportagens pedindo reformas na previdência social ou portarias relatando a necessidade de se dar mais atenção ao trabalhador, que depois de um tempo, se via excluído do círculo do trabalho e do seio familiar. Os pedidos de portarias falavam dos trabalhos das instituições e buscavam que o governo criasse novas políticas de assistência

social. Em tese, o pedido das portarias exigia assistência preventiva, terapêutica e promocional. A assistência promocional estaria ligada a construções de mais ambulatórios médicos ou casa de cuidado ao idoso, facilitando o trabalho médico e aproximando os idosos de seus parentes. Vale ressaltar que muitas vezes a base familiar não tinha condições de arcar com os medicamentos de seus idosos, que, de modo geral, implicava na possibilidade de abandono. Nesse intuito, o presidente do SSAM desempenhou um papel importante no governo de Marco Maciel em Pernambuco. De 1980 a 1985, cresceu o número de CSUs na região metropolitana do Recife, estimulando a ação de políticas públicas governamentais junto com o auxílio de assistência à moradia e apoio ao lar do idoso.

O debate sobre aposentadoria se estendeu até 1985, onde várias confederações de apoio ao idoso foram criadas. Mesmo depois que Figueiredo decretou 1982, como o ano Nacional do idoso, muitas pessoas viram o descaso e o abandono do velho com mais ressalvas.

Ana Aslan, representante da clínica Geriátrica Bucareste, criticou o governo. Ela apontou que deveria ser criada medidas que fornecessem segurança e propagasse a dignidade do idoso no Brasil. As críticas da Aslan foram postadas no dia 24 de fevereiro de 1982, no *Jornal Diário da Manhã*. Em suma, o trabalho dela estava em conscientizar o povo sobre a necessidade de ter mais cuidados com seus velhinhos, e negar a prática do abandono e exclusão deles. Optou-se por uma maneira de inseri-los socialmente e culturalmente. Logo abaixo, tem o relato de Aslan acerca do decreto do dia nacional do idoso em 1982.

Outro mito está na própria formação de uma aposentadoria por tempo de velhice ou trabalho. Por outro lado, no Brasil, a aposentadoria é burocrática e acaba não chegando para todos, representando o atraso histórico da campanha de aposentadoria para os trabalhadores do campo e da cidade. A solução, portanto, seria a criação de associações filantrópicas e particulares que atendessem a demanda dos idosos. Esta solução aparece de forma branda na escrita de Ecléa Bosi, e fica como um alerta para a construção da inclusão da chamada 3ª idade na sociedade Moderna.

Imagem 1. Do jornal do Brasil.



Diário da Manhã, Recife, 24 de Fevereiro de 1982. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1982> . Acesso em:02/12/2021

Conclusão

No Brasil dos anos 80, o banimento do idoso está associado às questões familiares e com o trabalho. Assim, foi notado que o idoso tem uma função social relacionada com o contexto histórico de uma determinada sociedade. Já acerca da falta de fontes históricas sobre o idoso nos anos 80, percebe-se, que relacionando com o contexto da época, houve um maior incentivo aos trabalhos sobre a política e a economia brasileira. Restando para os médicos direcionar suas denúncias nos diários de notícias. A desigualdade social entre jovens e idosos sempre existiu, como demonstra Ecléa Bosi e Simone de Beauvoir. Não há, entretanto, uma solução mais profunda dessa situação, porque mesmo com os centros sociais humanos houve ainda muito descaso. O envelhecer ainda é notado como perda da capacidade cognitiva, afastando, inclusive, muitos indivíduos de terem os cabelos brancos. Assim, o envelhecimento é negado pelos jovens, incentivando cada vez mais as atividades rejuvenescedoras. O escândalo da exclusão do idoso destacado pelas autoras, ainda não foi totalmente solucionado, mesmo depois da cartilha da política do idoso de 2003. Ainda é comum haver notícias de abandono e violência contra o velho.

“O velho não é como entre os artrópodes, o indivíduo que não é mais capaz de lutar, mas aquele que não pode mais trabalhar e que se torna uma boca inútil” (BEAUVOIR, 1979, p. 43). Por outro lado, tem a luta do jovem para tomar o poder, a honra que um alfa detinha

sobre sua tribo. De antemão, compreende-se que a tomada de poder está no processo pela exploração do trabalho. Dois relatos devem ser exaltados aqui, um sobre o príncipe Sidarta Buda, que aparece na introdução do livro “A velhice”, e outro sobre a derrota do rei Psamênito para os Persas. São histórias que traçam um estratagema da velhice e do papel social do ancião nas sociedades diversas. Há uma peculiaridade entre os contos, o primeiro fala da negação do outro, e como o olhar de autoridade faz com que o próprio idoso rejeite sua condição de velho. Essa aversão depende da relação que o jovem projeta para os seus semelhantes. Já o segundo relato, bem descrito por Ecléa Bosi, existe uma maior valorização dos homens de cabelos grisalhos. Ambos os trechos se relacionam, mostram como ocorre o banimento do velho, principalmente com o decorrer do progresso da modernidade, que pode ser bem mais trabalhada na campanha adote um idoso e colcha de retalhos apresentados nos relatos do Diário de Pernambuco de 1982.

Referências

Imagem 1: *Do jornal do Brasil*. Diário da Manhã, Recife, 24 de Fevereiro de 1982. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DM1982> . Acesso em:02/12/2021

ALVES, Karin. **Novos paradigmas na assistência do idoso:** o enfoque da prevenção e promoção de um envelhecimento saudável. Disponível em :<http://revistas.unifoa.edu.br/index.php/cadernos/article/view/376>. Acesso em 06/09/2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. SP: Editora Difel,1976

LOPES, Andrea. **A sociedade brasileira de geriatria e gerontologia, e os desafios da gerontologia no Brasil**. Dissertação de mestrado. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251288/1/Lopes_Andrea_M.pdf. Acesso em: 06/09/2020.

MORAIS, Jolinda. **Assistência aos pobres em Londrina:1940/1980**. Londrina. Editora Eduel,2013.

Recebido em: 6 de abril de 2023
Aceito em: 25 de julho de 2023
